



sala preta  
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v20i2p9-12

O Oficina pelo Oficina

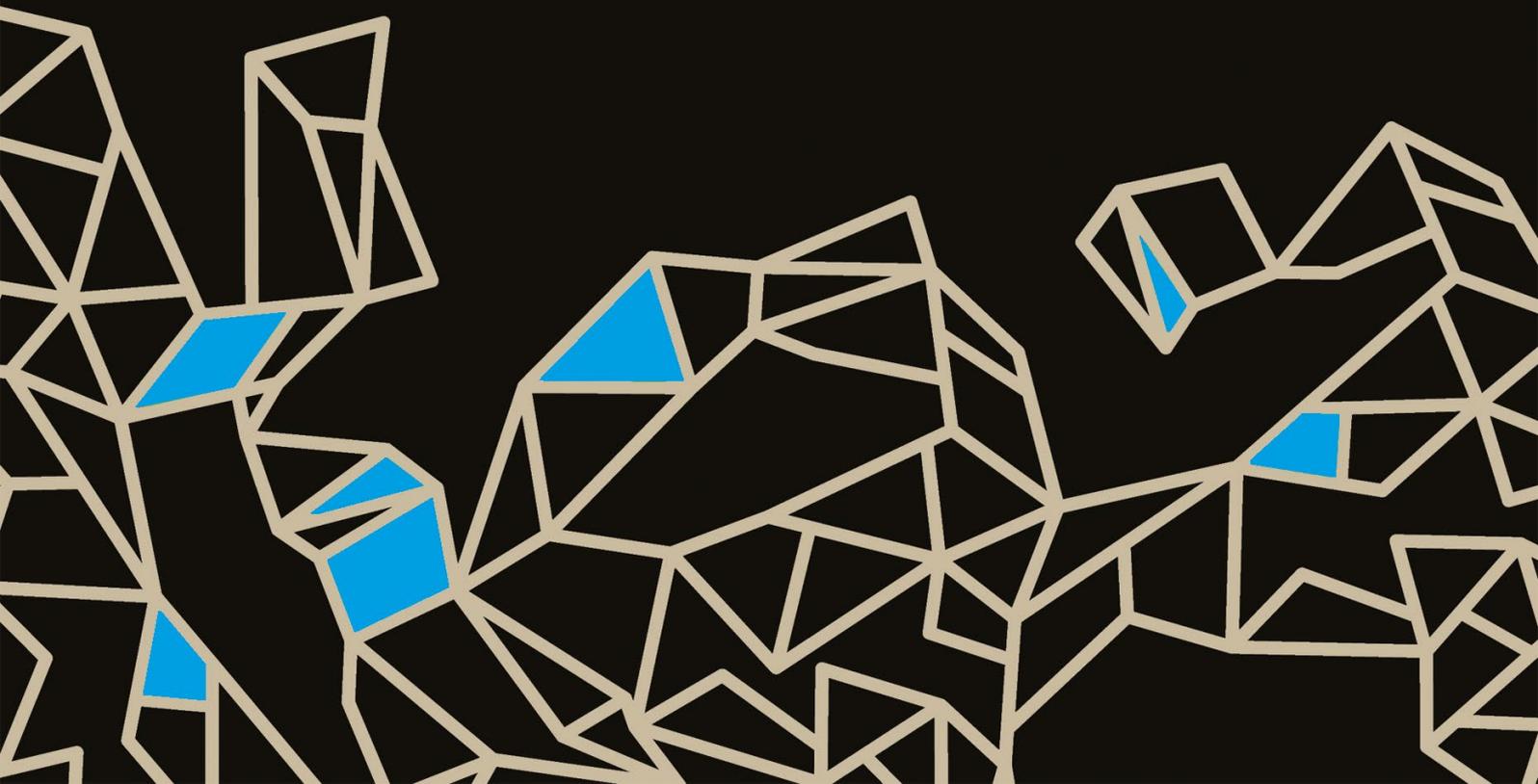
# Ser ator no Oficina

*To be an actor in Oficina*

**Marcelo Drummond**

**Marcelo Drummond**

Ator e encenador do Teatro Oficina



Como escrever um texto sobre ser ator no Oficina? Não sei. Alguns me chamam de primeiro ator do Oficina, um título que me foi dado porque o Oficina, de fato, entrou em cena de novo junto comigo, na época um jovem que não sabia nada contracenando com Raul Cortez e Zé Celso, ou fazendo o Hamlet (uau, que pecado!) e desde então fiquei à frente como ator/produtor e, às vezes, diretor, mas nunca sozinho com Pascoal da Conceição, Camila Mota, Sylvia Prado e muito mais gente porque é um trabalho coletivo, com isso quer dizer que ninguém é mais estrela que ninguém na hora do trabalho e também sempre é bom lembrar que um ator da moda e com o maior sucesso agora pode estar no ostracismo num futuro não muito distante.

Cheguei no Teatro Oficina em 1986, vim pra fazer o deus do teatro Dionysios (na grafia que usamos), claro que isso é uma pretensão! Mas foi isso mesmo, não a pretensão, mas o fato. Tive dois mestres, por assim dizer, porque nunca os chamei de mestres e eles não aceitariam, o Zé Celso, que é público, e Catherine Hirsch, que me ensinou o teatro como rito onde se nasce e morre pra nascer novamente, as muitas vidas que se pode ter no teatro, me ensinou mais ainda. Tudo que sei do fazer teatral aprendi no Oficina, com os “mestres” e outros atores-diretores-produtores e críticos mestres também. Não fiz, não me interessei em fazer uma “carreira de ator”, correndo atrás de um espaço na televisão, (agora *streaming*) pra ficar conhecido, rico e poder produzir o que quer ou simplesmente ficar empregado... preferi ser criador e trabalhar pro que eu quero. E até agora quero o Teatro Oficina funcionando, produzindo peças, filmes, música, *podcast* e lives.

Todo o trabalho do Oficina Uzyna Uzona, antes da pandemia, foi guiado por Dionysios-Bacantes, nesse momento ensaio Esperando Godot, esperando a vacina e apreensivo pelo teatro que virá depois da pandemia. Ainda não sabemos por quanto tempo não poderemos fazer o teatro que fazíamos antes da pandemia, acredito que nos próximos anos não; a proximidade e a participação ativa, de corpo presente, do público, aglomerado nas arquibancadas, galerias invadindo a pista, as mais de 60 pessoas circulando pelos camarins apertados, dividindo bancadas, banho, maquiagem, copo, respirando pertinho... em cena um coro cantando a menos de dois metros de uma pessoa do público, fora os abraços, beijos, zeseelfie, bares e tudo mais que envolve a orgia da Tragicomediorgia. O que me motiva a fazer teatro é o acontecimento, o rito, a peça, o público, a bilheteria, a magia do teatro.

O teatro é um lugar de incorporação, assim como as religiões de incorporação, são outros métodos, já vi e vivi no Oficina a personagem ali, na tua frente, atores incorporados, entregues aos próprios delírios. No Brasil tem cultura de incorporação, dionisismo é religião de incorporação, como é a umbanda, que é superteatral, aquelas “entidades” incorporadas, com cantos, dança, comida e bebida; os rituais com Ayahuasca, as mirações, até nos cultos evangélicos, onde tem sempre alguém que “recebe” o demônio. As Bacantes de Eurípedes, que foi escrita na Macedônia, onde se exilou com o amigo (talvez amante) Agatão, ali ouviu e registrou os cantos de terreiros de uma antiga religião dionisíaca. Quando fizemos a primeira temporada de Bacantes, em 1996, bebíamos ayahuasca, porque sabemos que o vinho que era servido nos rituais há 2.500 anos não é o mesmo vinho que bebemos na mesa com a comida, era muito mais forte e devia provocar alucinação como a da Agave, que arranca a cabeça do filho Penteu confundindo com leão, e como a ayahuasca provoca. Queríamos encontrar em nós a origem do teatro, nosso corpo, no nosso sistema nervoso, queríamos origem do teatro porque é disso que trata a última das tragédias, precisávamos reinventar o teatro aqui e agora.

Entrei em cena no início dos anos 1990, sempre quis estar dentro de um “movimento cultural” (a tropicália marcou muito a minha infância nos anos 1960), o Oficina, quando cheguei, era completamente desacreditado, muito diziam que nunca ia voltar a cena... mas, quando estreamos, e principalmente com o Ham-let, que abriu o Teatro Oficina como é hoje, não existia nada parecido com o que estávamos fazendo e isso provocou uma série de preconceitos, alguns perduram até hoje, mas também da minha parte não ficou barato, também criei preconceitos, um deles era ao chamado teatrão, o que acho hoje em dia uma bobagem, em qualquer teatro há a criação, ela pode ser diferente da minha, só isso, e alguém, com certeza, gosta mais daquele teatrão do que do teatro que produzo, mesmo sendo esse um grande trabalho artístico, como o caso do Oficina, que pode-se dizer um dos melhores do mundo. Acredito no trabalho que realizamos e por isso nunca saí do Oficina, mesmo com toda a dificuldade de grana pra manter o teatro, a companhia, a mim mesmo e a falta de um reconhecimento popular, me mantenho à frente deste trabalho por tanto tempo. Quando digo me mantenho à frente, sei que nunca foi sozinho ou que não é mérito só meu o Oficina ocupar o lugar

que ocupa, foi dessa associação – não chamo de grupo porque são muitos grupos, de gerações diferentes que se ligam criando uma rede que faz o trabalho acontecer.

No Oficina não escolhemos papéis, somos de certa forma escolhidos pelo papel, principalmente depois da década de 2000, quando veio um geração nova de artistas que participaram de *Os sertões*, as peças ficaram mais musicais – sempre teve um capricho em trilhas – mas o canto em coro ganhando cada vez mais a protagonização, o coro aumentou, com mais vozes as canções ganharam espaço e as peças viraram óperas de carnaval, a maioria das canções são composições originais trabalhada em roda nos ensaios, cantar não é o meu forte, mas com o trabalho em roda afinei, não posso dizer que canto, só consigo entrar no tom e no tempo da música, e quase sempre acerto na trave. Agora essa geração que fez *Os sertões* já é madura e outra geração, outro coro, sobre as mesmas bases, porém com as percepções da época, se formou e aqueles que sempre estiveram ganharam autonomia e vamos aumentando a rede e fazendo o Oficina novo de novo.

E tão importante como o canto, a dança, é a luta que o Oficina trava com o Grupo Silvio Santos, essa personagem que esteve presente, senão em todas, em quase todas as produções que realizamos. São 40 anos de uma luta única que motivou e certamente atrapalhou, pois são poucos os que encaram um grupo que luta contra um dos maiores magnatas da especulação vídeo-financeira, que tem um braço imobiliário que quer transformar o Bixiga, um bairro popular, com construções da primeira metade do século XX, em um bairro cheio de torres e, com isso, expulsar os moradores de um bairro central pra periferia. Já viram esse filme? Enquanto aguentarmos, vamos à luta.

Autor convidado